

O cadáver insepulto

Ao voltar, minutos depois, ao local onde o corpo de Aída estava numa poça de sangue, Ronaldo teria dito, segundo uma testemunha, que era uma pena, pois “a morta tinha umas belas pernas”. Deve ter dito isso entre o meio sorriso com que, horas mais tarde, enfrentaria a Polícia, fiado na impunidade que o dinheiro, às vêzes, pode comprar, mas, às vêzes, não pode. Na frase, no sorriso, na confiança do Pequeno Canalha, o cadáver de Aída Cúri estava insepulto.

Ao lavrar a sua sentença de impronúncia, Souza Netto lavrou seu atestado de óbito como juiz e como homem. O agora apenas Joaquim Souza Netto afirma, teatralmente, que pediu demissão do cargo. Interprete-se o seu gesto como uma tentativa para comover a opinião pública e forçar um movimento de solidariedade de classe. Se eu fôsse o Presidente da República, daria o seguinte despacho: “Reconheça a firma e volte, querendo”. Ninguém acredita na demissão,

como ninguém acredita na demissão, como ninguém acreditou no “rapto” de seu irmãozinho, encontrado horas depois na casa de uma tia. Ao impronunciar os acusados, sob estranhas e ridículas argumentações, o Juiz transformou a pobre menina numa leviana “que subira ao terraço com os próprios pés, em busca de amor”. O cadáver de Aída ainda estava insepulto.

Arrastando o cadáver de Aída Cúri pelos atalhos de suas deduções ilógicas, expondo a menina que preferira a morte à desonra, transformando a virgem numa impura, inutilizando a lição de sua morte e o exemplo de sua coragem, exibindo-a ao público através de uma sentença que era um escárnio, uma cusparada na face da Nação, que fez o magistrado? Justiça? A sua justiça. Por isso, o cadáver de Aída Cúri ainda estava insepulto.

Aquêle Juiz não podia ter a seu favor a justificativa da ignorância, da pouca letra, da falta de inteligência. Era um juiz culto, inteligente, letrado. Na sentença, na fragilidade, na teimosia do Juiz Souza Netto, o cadáver de Aída Cúri continuava insepulto.

Através dêstes longos meses de vigília e sofrimento que mediaram entre a injustiça que se tentou fazer e a justiça que afinal foi feita (porque não se podem julgar os juízes por um juiz), dezenas de milhares de pessoas, centenas de instituições, assembleias legislativas, câmaras municipais, dezenas de entidades públicas e particulares incentivaram esta publicação e êste jornalista, no que se denominou de Cruzada Contra a Impunidade.

Algumas vozes, naturalmente, discordaram. Eram as vozes dos curradores em potencial. Era a voz da inconsciência, daqueles que queriam o cadáver para sempre insepulto, sem saber que podia ser, futuramente, o cadáver de sua própria filha. Seria impossível, contudo, silenciar a revolta de tôda uma comunidade ferida e ameaçada, não era possível fazer isso, apenas para atender a protestos isolados, nascidos do egoísmo, do desprêzo pela dor alheia,

da indiferença pela segurança das famílias dos outros. Não era possível calar o grito de protesto contra uma sentença graciosa. Não era possível deixar o cadáver de Aída Cúri para sempre insepulto.

Justiça se fêz. Desobstruiu-se o caminho do Júri. Apagou-se o sorriso de Ronaldo, o Pequeno Canalha. Desabou sôbre a marquise a sentença de um Pequeno Juiz.

O cadáver de Aída Cúri pôde, enfim, baixar à sepultura.

P.S.: Mas o coração tem razões que a própria razão desconhece.